

Mário Francisco Caldas Ono¹

Walmir de Albuquerque Barbosa²

RESUMO

Nos últimos anos o mercado mundial de orgânicos vem se expandindo, movimentando cerca de US\$ 23,5 bilhões ao ano, com expectativa de crescimento de 20%. Embora, a demanda continue sendo maior que a oferta, tanto no mercado externo e interno. O Brasil é considerado pelos principais importadores de orgânicos, EUA, União Europeia e Japão, como o país de maior potencial de produção orgânica para exportação. Porém, a carência de orientação técnica qualificada para o desenvolvimento do setor ainda é um gargalo a ser superado. O Censo Agropecuário IBGE (2006) indica que 68.045 dos produtores orgânicos do país, não tiveram acesso a orientações técnicas. O desafio aumenta com a constatação de que não existe diagnóstico da atual situação da agricultura orgânica no Amazonas e que a maioria dos agricultores possui baixa escolaridade, dificultando a formulação de políticas e evidenciando a premente necessidade de programas para o segmento. Neste contexto, o artigo tem por objetivo, analisar a demanda de orgânicos e sistematizar os dados diagnosticados nos municípios da Região Metropolitana de Manaus, visando servir de parâmetro para o planejamento de ações e gestão estratégica dos problemas identificados. Para tanto, as informações foram organizadas em quatro seções: Identificação dos agricultores; Informações socioeconômicas e perfil do agricultor; Informações sobre infraestrutura, produção e comercialização; Qualificação profissional, organização social e gestão, disponibilizando os resultados ao público em geral, de modo a dar visibilidade e publicidade aos principais entraves e limitações em torno da atividade, especialmente considerando a proximidade da Copa 2014, representando oportunidades para o setor.

Palavras-Chave: Planejamento. Gestão Estratégica. Região Metropolitana de Manaus. Agricultura Orgânica. Limitações.

¹ Graduado em Gestão Pública e aluno do Curso de Planejamento Governamental e Orçamento Público da Escola Superior de Ciências Sociais – ESO, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Extensionista Rural em Agroecologia e Produção Orgânica do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas – IDAM. E-mail: caldasono@hotmail.com

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e Professor da Disciplina, Metodologia do Ensino Superior do Curso de Planejamento Governamental e Orçamento Público da Escola Superior de Ciências Sociais – ESO, Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

INTRODUÇÃO

Gestores orientam suas decisões com base em informações. Quanto mais seguras e precisas forem as fontes de informações, mais satisfatórios serão os resultados planejados, seja na condução de organizações ou na formulação, implementação e execução de políticas públicas de interesse da sociedade. Segundo Falconi (2009, p. 15, grifo nosso): “Somente a análise permite **conhecer a verdade dos fatos** o que **melhora** substancialmente **a tomada de decisões**, garantindo a obtenção de excelentes resultados.” Em geral, a falta de informações consistentes capazes de subsidiar a elaboração de planejamentos, ainda representa um grande desafio. No Amazonas não é diferente, uma vez que não existem dados confiáveis sobre a realidade da produção orgânica, que possam servir de referência para a construção de planos de ação. Neste sentido, o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas - IDAM³, buscando consolidar o segmento de orgânicos, de forma focada na Região Metropolitana de Manaus, valendo-se da capacidade que tem a Copa de promover ações mobilizadoras em torno de objetivos comuns, adotou como estratégia para estimular o aumento da oferta e do consumo de alimentos orgânicos antes, durante e após a Copa 2014, a implementação do Projeto Agroecologia – Copa Sustentável 2014, em conjunto com outras instituições afins, enfatizando a questão do legado.

Entretanto, a necessidade de diagnóstico que retrate de maneira fiel a atual situação da agricultura orgânica⁴ na Região Metropolitana, constitui uma das etapas a ser realizada para posterior elaboração da proposta. Desta forma, em meados de 2011, o IDAM por meio das Unidades Locais dos municípios que integram a Região Metropolitana, efetuou uma pesquisa baseada em entrevista semiestruturada, com auxílio de um questionário, junto aos agricultores familiares de diversas comunidades que ingressaram ou manifestaram interesse em aderir e/ou migrar para a atividade de produção orgânica, mediante o processo de transição agroecológica, buscando a geração de novas oportunidades de ocupação econômica e renda. Verdejo (2006, p. 28) salienta: “As entrevistas desempenham

³ IDAM - Entidade pública estadual responsável pelos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).

⁴ Segundo Darolt *et al* (2010 *apud* MADAIL, 2010, p. 2), sistema de produção que exclui o uso de fertilizantes sintéticos de alta solubilidade, agrotóxicos, reguladores de crescimento e aditivos para a alimentação animal, compostos sinteticamente. Em contrapartida, recomendam-se o uso de esterco animal, rotação de culturas, adubação verde, compostagem e controle biológico de pragas e doenças, ações que fazem parte do método da agricultura orgânica.

um papel muito importante no Diagnóstico Rural Participativo (DRP). Trata-se de uma entrevista que é guiada por 10 a 15 perguntas-chave determinadas anteriormente.” A entrevista semiestruturada tem por finalidade levantar informações gerais ou específicas referentes às famílias dos agricultores, comunidades, municípios ou territórios para a construção do diagnóstico participativo (RUAS et al, 2006, p. 95).

O estudo se propõe a fazer uma abordagem sobre a demanda por alimentos orgânicos e sua relação com o mercado, bem como sistematizar uma parte das informações coletadas, por ocasião da citada pesquisa, objetivando conhecer os entraves e as dificuldades mais relevantes, que limitam ou impedem o desenvolvimento do setor, de maneira a servir de embasamento para a elaboração de planejamentos e projetos que proponham soluções, a ponto de minimizar e/ou eliminar os gargalos da agricultura orgânica especificamente na Região Metropolitana.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O MUNDO DA VIDA SAUDÁVEL, UMA VISÃO DE FUTURO PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL

A crescente procura por alimentos produzidos com respeito ambiental, valores éticos, equidade e justiça social, tem despertado o interesse de consumidores que já não encaram o simples ato de se alimentar, apenas como uma necessidade fisiológica do corpo humano, mas acima de tudo, como atributo de bem estar, qualidade de vida, compromisso e solidariedade para com as presentes e as futuras gerações, contribuindo para o crescimento do consumo consciente e responsável.

A atividade tem crescido muito no mundo inteiro, principalmente com a divulgação de uma série de impactos ambientais, a partir dos anos 70, como desmatamentos, queimadas, erosão e desertificação de solos, perda de biodiversidade, contaminação do solo, da água, do ar e dos alimentos por resíduos tóxicos, relacionados à agricultura convencional [...] (SOUZA e RESENDE, 2006, p. 716).

Cada vez mais bem informados, conscientes de seu papel na sociedade e atentos às mudanças ambientais, sociais, políticas e econômicas, os consumidores querem saber em que condições os alimentos estão sendo produzidos, levando em conta, preceitos socioambientais. Henz *et al* (2007, p. 15) ressalta: “Esse interesse

crescente é uma consequência direta da exigência por parte dos consumidores por alimentos mais saudáveis [...].” É importante assegurar-se de que o alimento foi produzido, de forma a promover a conservação ambiental e inclusão social, sem afetar a integridade cultural das pessoas e comunidades envolvidas (ABREU *et al*, 2009, p. 3), pois não é ético ter uma alimentação de qualidade, às custas da degradação dos recursos naturais ou da insegurança alimentar e nutricional e situação de pobreza dos agricultores. Como correlacionam Mazoyer e Roudart (1933, p. 25): “Quanto aos surtos de fome [...], seca, inundação, tempestade, doença das plantas, dos animais ou dos homens, ou ainda da guerra, elas não deixam de ser, por outro lado, a consequência última da pobreza e da subnutrição.”

A liberdade de escolha faz com que boa parte dos consumidores privilegie os produtos com selo de qualidade e garantia de rastreabilidade ou os produtos advindos da agricultura familiar, especialmente os livres de contaminantes químicos.

O uso inescrupuloso e inconsequente de agrotóxicos nas lavouras tem contribuído para aumentar o índice de doenças carcinogênicas, como bem lembra Souza (2000 *apud* ALBUQUERQUE, 2011, p. 79), além de alterações hormonais, não somente entre as pessoas com exposição direta aos produtos, mas também às que consomem inadvertidamente alimentos contaminados, portanto, sem jamais terem contato direto com essas substâncias. Desta forma, todos estão sujeitos ao acúmulo residual do ingrediente ativo no organismo, tornando-se um grave problema de saúde pública, em função do elevado custo socioambiental. E o que é pior, com total conivência e completa omissão dos gananciosos fabricantes de agrotóxicos sintéticos, aliadas à negligência das autoridades competentes.

Os agrotóxicos constituem-se em um mal que assola silenciosamente a vida das pessoas, roubando-lhes o futuro, pois ainda está longe de deixar de ser, falsamente, a salvação da lavoura para se tornar no grande vilão da história. Há 48 anos, Carson (1964, p. 29), já alertava: “Pela primeira vez na história do mundo, agora todo ser humano está sujeito ao contato com substâncias químicas perigosas, desde o instante em que é concebido até a sua morte.” Mesmo diante do poderio das transnacionais, detentoras do elixir da morte, ambientalistas, agrônomos, pesquisadores e profissionais da ATER, principalmente aqueles adeptos ou simpatizantes da Agroecologia⁵, se empenham cada vez mais em orientar a

⁵ Ciência ou disciplina científica que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas, com o propósito de permitir a

construção de sistemas produtivos sustentáveis, junto aos agricultores. Ainda que isso tenha silenciado a voz de muitos, a exemplo do cientista Julius Hensel, que teve seu livro destruído, ficando escondido por mais de 100 anos, devido à perseguição de poderosos grupos econômicos, por ter contestado os conhecimentos de Liebig⁶ (FUNDAÇÃO JUQUIRA CANDIRU, 2003 p. 6). A teoria da Trofobiose⁷, de Chaboussou, também está sendo bloqueada por interesses transnacionais (LUTZENBERGER, 1997, p. 9).

A construção de uma sociedade mais sustentável, passa pela necessidade de maiores investimentos em campanhas educativas e estratégias de educação ambiental, mais eficientes. De acordo com Souza e Resende (2006, p. 121): “[...] a dimensão educativa, constitui-se na mais importante [...] Está, portanto, na mudança da percepção humana o desencadeamento do processo de desenvolvimento [...].” Trata-se de uma relação de poder bastante desigual, em que a arrogância e abuso das grandes indústrias de agrotóxicos, falam mais alto, a ponto do perigo dos agentes químicos sintéticos, extremamente venenosos, significarem uma ameaça devastadora à fertilidade, inteligência e sobrevivência humana, conforme evidências científicas (GORE, 1996, p. 12). É impossível um uso totalmente seguro dos agrotóxicos, visto que parte dos temíveis conteúdos dos venenos vai parar nos alimentos e conseqüentemente no tecido adiposo das pessoas (PIGNATI, 2011).

2.2 O MERCADO MUNDIAL ORGÂNICO

Segundo o Mundo Orgânico (2010), o mercado mundial orgânico está se recuperando da recessão econômica global, registrando taxa de crescimento ligeiramente superior a 4,5% em 2009, em comparação ao crescimento de 4,7%, em 2008. O mercado europeu foi o mais afetado, com a redução do volume de alimentos orgânicos pelos varejistas de alimentos, que atribuem a baixa dos gastos dos consumidores como a principal razão. Em contrapartida, o mercado norte-americano obteve um bom desempenho e responde atualmente por cerca de 50% do valor do mercado mundial de alimentos orgânicos, enquanto a tendência do

implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura com maiores níveis de sustentabilidade no curto, médio e longo prazos (Altieri, 1995b, p. 88).

⁶ Justus Von Liebig, 1803/1873, cientista alemão, pai da Agroquímica (FUNDAÇÃO JUQUIRA CANDIRU, 2003 p. 6).

⁷ Teoria desenvolvida pelo francês Francis Chaboussou, segundo a qual a saúde das plantas é o produto do equilíbrio ou do desequilíbrio de sua nutrição [...] (MAHADO, 2004, p. 45).

consumo de produtos orgânicos nos mercados latino-americanos e asiáticos é animadora. A indústria tem atraído novos investimentos e novas oportunidades estão surgindo nos países emergentes. Passada a crise financeira, a projeção das receitas é que ultrapasse US\$ 60 bilhões até o final de 2011.

Com um consumo de US\$ 46 bilhões em 2009, o mercado de produtos orgânicos está em expansão no mundo inteiro, incluindo o Brasil. O mercado global de produtos orgânicos atingiu mais de US\$ 50 bilhões em 2008, com a grande maioria dos produtos consumidos na América do Norte e Europa, segundo a Organic Monitor. Os consumidores entendem que produto com valor agregado é aquele que vincula qualidade e fair trade (comércio justo). Conforme evidências da maior feira mundial de agricultura orgânica, a BioFach 2010, realizada em Nuremberg, Alemanha.

Mundialmente, os países que detêm o maior número de produtores de alimentos orgânicos são a Índia, a Uganda e o México. Porém, mais de um terço dos produtores orgânicos estão na África, o que indica que há perspectivas bastante atraentes para os exportadores desses países em desenvolvimento.

De acordo com o FiBL (Instituto de Pesquisa de Agricultura Orgânica) e a IFOAM (Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica), 35 milhões de hectares de terras agrícolas são certificadas anualmente, seguindo os padrões orgânicos (dados do final de 2008).

A Oceania representa a maior parte da superfície mundial de orgânicos com (35%), seguida pela Europa (23,4%) e América Latina (23%). A Austrália, com suas amplas terras de pastagem, é responsável pela maior área de superfície orgânica certificada, com 12 milhões de hectares (45,43%), seguida pela Argentina, 4 milhões de hectares (15,15%) e China, 1,9 milhões de hectares (6,99%) (WILLER *apud* MADAIL, 2010, p. 3-4).

2.3 O MERCADO E A PRODUÇÃO ORGÂNICA NO BRASIL

Conforme o Mundo Orgânico (2010), o Brasil se destaca como o maior mercado consumidor de orgânicos da América do Sul, sendo considerado pelos principais importadores de orgânicos, EUA, União Europeia e Japão, como o país de maior potencial de produção orgânica para exportação. Cerca de 70% da produção orgânica brasileira (em valor) é exportada.

O Brasil é forte na produção orgânica de soja, café, açúcar, óleos, frutas, amêndoas e mel. Exporta principalmente soja, café e açúcar para a Europa, Japão e Estados Unidos. Óleos essenciais orgânicos estão em alta, assim como o crescimento do mercado de produtos têxteis, vinhos e cosméticos orgânicos. Quinto maior produtor mundial, o Brasil pretende ampliar seus negócios no contexto da alimentação saudável por intermédio do projeto Organics Brasil, formado por iniciativa do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD) e da Apex-Brasil.

O estudo da Market Analysis aponta que 1 em cada 6 brasileiros residentes nas grandes cidades compra regularmente produtos orgânicos, ou seja, 17,3% consomem esses produtos de 1 a 5 vezes por semana. Em São Paulo, o número de consumidores de produtos orgânicos ultrapassa 1 milhão. Nas cidades de Recife e Porto Alegre, o número de compradores de produtos orgânicos também é expressivamente semelhante, aproximadamente 153 mil. Tradicionalmente, as compras de orgânicos ocorriam somente nas feiras ecológicas ou de rua semanais, ou então, nas lojas especializadas. Atualmente, ocorrem cada vez mais, nas grandes redes de supermercados.

O Sistema Orgânico de Produção está regulamentado pela Lei Federal nº 10.831, que reúne um conjunto de normas técnicas.

Segundo o Censo Agropecuário IBGE (2006), há no país 90.497 estabelecimentos que fazem ou praticam agricultura orgânica, equivalendo a 1,75% do total de estabelecimentos agropecuários existentes no país, sendo que 6.133 do número de estabelecimentos pertencem à região Norte. Mais de 80% dos estabelecimentos são de pequenos produtores com menos de 100 hectares. No Bioma Amazônia, há 496.867 estabelecimentos onde não foram utilizados adubos químicos e nem agrotóxicos, totalizando uma área de 51.349.009 ha, representando um grande potencial de crescimento dos sistemas orgânicos de produção.

Existem 15.000 agricultores orgânicos cadastrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA⁸. Grandes supermercados vendem orgânicos, como o grupo Pão de Açúcar, Carrefour e Wal-Mart. São centenas de feiras semanais orgânicas e agroecológicas em todo o país. Nas compras

⁸ MAPA – Órgão normativo responsável pela regulamentação dos Sistemas Orgânicos de Produção e aplicação da Lei de Agricultura Orgânica nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003. Legislação para os Sistemas Orgânicos de Produção (2009, p. 9).

governamentais tem crescido sistematicamente a participação dos produtos orgânicos. Todavia, ainda faltam estatísticas precisas sobre o tamanho do mercado nacional de produtos orgânicos (informação verbal)⁹.

2.4 O MERCADO E A PRODUÇÃO ORGÂNICA NO AMAZONAS

O número de agricultores orgânicos oficialmente cadastrados na Superintendência Federal de Agricultura do Amazonas - SFA/AM, vinculada ao MAPA, ainda é bastante reduzido, aproximadamente 30 agricultores. Há apenas 1 feira de produtos orgânicos, na capital, que ocorre aos sábados, no pátio da SFA.

Em se tratando de políticas públicas governamentais com interface na comercialização de orgânicos, destaca-se o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o qual prevê sobrepreço de até 30% para produtos comprovadamente orgânicos. Contudo, no Amazonas ainda não foi registrado nenhuma venda dessa natureza, pelo simples fato dos agricultores ainda não estarem suficientemente organizados para acessar esse mercado. Até porque os agricultores estão focados em atender as demandas da feira por meio da venda direta. Por outro lado, a produção ainda é insuficiente para acessar outros mercados (supermercados, condomínios residenciais, cozinhas industriais, hotéis e restaurantes).

O reduzido número de feira e agricultores orgânicos, formalmente reconhecidos no estado, é reflexo da fragilidade em que se encontra o segmento, cuja capacidade operacional das instituições de apoio, não segue o mesmo ritmo em que cresce o nível populacional da cidade de Manaus, representando um grande potencial de mercado com seus quase 2 milhões de habitantes.

As ações das diversas instituições que apoiam o fortalecimento da atividade, ainda são bastante tímidas, dependendo de maior sinergia, mas sobretudo, de programas estratégicos governamentais, que privilegiem o avanço da produção orgânica e pesquisas com enfoque agroecológico, incentivando a adoção e construção de tecnologias de base ecológica entre os agricultores, bem como aportando recursos e conferindo maior celeridade no processo de adequação à Legislação, com vistas ao credenciamento, cadastro e emissão da Declaração de

⁹ Informações fornecidas por Laércio Meirelles do Centro Ecológico Ipê-Serra/Litoral Norte, durante Intercâmbio à Rede Ecovida de Agroecologia, em Dom Pedro de Alcântara/RS, outubro de 2012.

Aptidão - DAP, conforme preconiza a IN nº 19¹⁰ e o Caderno do Plano de Manejo Orgânico (2011, p. 16).

O Censo Agropecuário IBGE (2006) indica que no Amazonas, dos 1.211 produtores que se dizem orgânicos, 970 afirmaram não receber orientações técnicas, enquanto que 167 tiveram acesso aos serviços de assistência técnica, ocasionalmente e 74 regularmente. O desafio se acentua com a constatação de que a maioria dos agricultores possui baixa escolaridade e que não existe diagnóstico acerca da atual situação da agricultura orgânica no estado, dificultando a formulação e execução de programas para organização e estruturação do segmento.

As poucas iniciativas bem sucedidas em termos de pequenos e médios empreendimentos orgânicos no estado, destinam sua produção basicamente para o mercado internacional, a exemplo do guaraná orgânico. Outros pequenos empreendimentos normalmente apoiados por instituições governamentais e não governamentais, ao deixarem o amparo institucional, geralmente não conseguem caminhar de forma autônoma, o que se constata com a dificuldade de manutenção da qualidade e certificação dos produtos, como reflexo da baixa capacidade gerencial das organizações detentoras dos empreendimentos locais.

2.5 COLETA DAS INFORMAÇÕES

As informações foram coletadas por equipe de extensionistas do IDAM, através de entrevista semiestruturada, utilizando questionário com perguntas fechadas e abertas, a fim de caracterizar os agricultores de cada município, participantes do projeto, interessados em desempenhar a agricultura orgânica, bem como identificar os principais problemas e desafios enfrentados na condução das atividades de produção orgânica e levantar informações sobre a comercialização dos produtos e os sistemas de produção e gestão.

Todos os dados foram compilados em planilhas eletrônicas para avaliação e elaboração dos gráficos apresentados.

¹⁰ Instrução Normativa nº 19, de 28 de maio de 2009, integrante da Legislação para os Sistemas Orgânicos de Produção (2009, p. 9).

2.6 ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Os resultados das informações coletadas em campo, junto aos agricultores, permitiram caracterizar a atividade em cada localidade. Os dados coletados foram separados em quatro seções: 1) Identificação; 2) Informações socioeconômicas e perfil do agricultor; 3) Infraestrutura, produção e comercialização; 4) Qualificação profissional, organização social e gestão.

Os dados foram quantificados, somados e transformados em percentuais, de forma a manter a proporcionalidade e integridade das informações registradas.

2.6.1 Seção de identificação dos agricultores

Constam aqui os registros dos nomes dos agricultores, denominação das propriedades, endereço e contato telefônico. Dados importantes para futuras mobilizações quando as atividades de campo forem iniciadas.

2.6.2 Seção de informações socioeconômicas e perfil do agricultor

Nesta seção foram anotadas as informações relativas ao sexo, nível de escolaridade, renda familiar média mensal, principais fontes de renda da família, principais atividades econômicas desenvolvidas na propriedade, grau de importância da agricultura orgânica em relação às demais atividades da propriedade.

2.6.3 Seção de informações sobre infraestrutura, produção e comercialização

Foram coletadas informações sobre o tamanho da infraestrutura das unidades produtivas, fontes de água utilizada, quantidade produzida na safra 2009/2010, principais canais de comercialização, situação da ATER, principais dificuldades para desenvolver a agricultura orgânica e o grau de interesse em investir na atividade.

2.6.4 Seção de qualificação profissional, organização social e gestão

Os produtores foram entrevistados quanto à participação em capacitações, participação ativa e o interesse em participar de associação e cooperativa, enquanto instrumentos de organização produtiva e gestão compartilhada.

3 RESULTADOS DO DIAGNÓSTICO

Aqui é apresentada a sistematização das informações do diagnóstico, as quais foram consolidadas de acordo com a distribuição das seções.

5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS AGRICULTORES

O número total de agricultores entrevistados foi de 147, distribuídos nos 7 municípios envolvidos. Dentre os municípios identificados, Presidente Figueiredo foi o único onde não foi possível entrevistar os agricultores com perfil para a agricultura orgânica, apesar de haver um grupo de agricultores, previamente identificado, interessado em ingressar na atividade. Desta forma, os resultados apresentados não incluem as informações do referido município, a não ser o número de famílias.

| MUNICÍPIO | AGRICULTORES ENTREVISTADOS |
|--------------------------|----------------------------|
| Careiro da Várzea | 17 |
| Iranduba | 21 |
| Itacoatiara/Novo Remanso | 28/12 |
| Manacapuru | 13 |
| Manaus | 23 |
| Novo Airão | 11 |
| Rio Preto da Eva | 22 |
| TOTAL | 147 |
| Presidente Figueiredo | 19 |
| TOTAL GERAL | 166 |

Tabela 1. Número de agricultores entrevistados em cada município relacionado no diagnóstico.

5.2 INFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E PERFIL DOS AGRICULTORES

Foi observado primeiramente que a maior parte dos agricultores entrevistados é do sexo masculino (70%) e (30%) do sexo feminino.

O nível de escolaridade predominante nas famílias entrevistadas é o fundamental, compreendendo (50%) dos agricultores, seguido do ensino médio (30%), alfabetizado (12%), não alfabetizado (5%) e superior (3%).

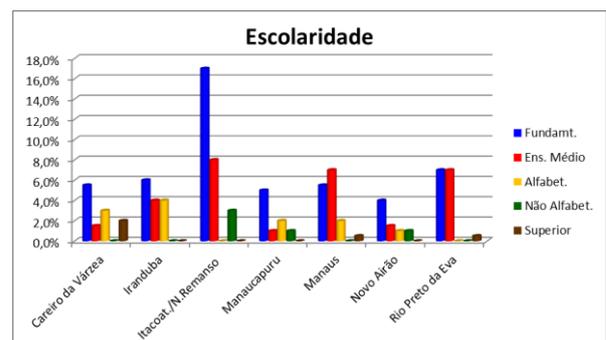
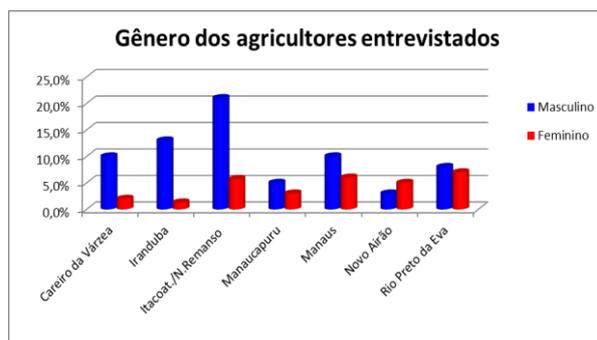


Gráfico 1. Distribuição dos agricultores por sexo e por município.

Gráfico 2. Distribuição do nível de escolaridade por município.

Sobre a titulação das unidades de produção nos municípios pesquisados, a grande maioria possui somente documento de posse (60%), enquanto que (20%) possuem o título definitivo da propriedade, (12%) o título provisório, (5%) não têm documentação da terra por ser invasão e apenas (3%) são arrendados. A regularização fundiária ainda é um desafio pelo excesso de burocracia e descaso.

A renda média familiar dos agricultores foi separada em classes, sendo: <1; 1 a 3; 4 a 6 e > 6 salários mínimos mensais. No âmbito geral do público, a maior parte dos agricultores (60%) tem renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, seguido do grupo que recebe menos de 1 salário mínimo mensal (35%), os demais têm renda entre 4 a 6 salários mínimos (3%) e o menor grupo (2%), acima de 6 salários.

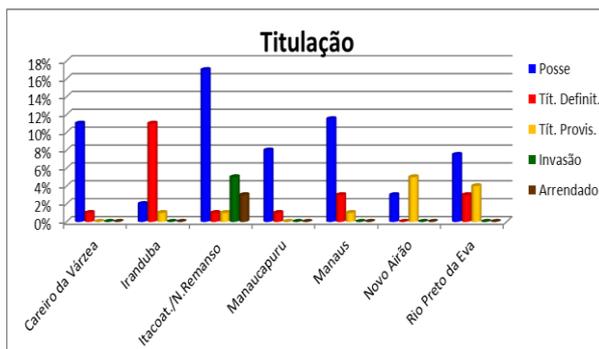


Gráfico 3. Distribuição da titulação das unidades de produção por município.

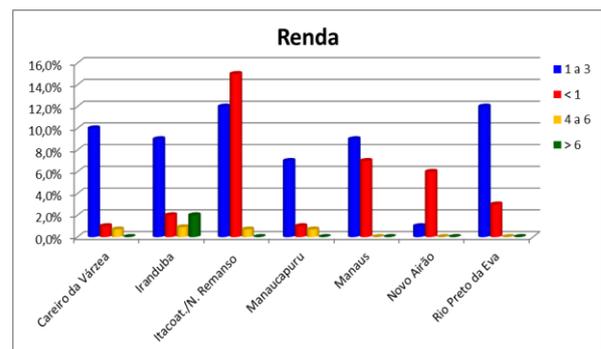


Gráfico 4. Distribuição da renda familiar dos agricultores por município.

Os agricultores também foram consultados sobre as principais fontes de renda. A frequência das respostas globais ficou assim distribuída, atividade agropecuária (47%), trabalho avulso (19%), previdência social (pensão/aposentadoria) (11%), negócio próprio rural (taberna, boteco, etc) (7%), benefício social (bolsa família) (4%), extrativismo (3%), emprego público (2,5%), negócio próprio urbano (2,5%), emprego privado (2,5%), frete/ajuda de familiares (1,5%).

Ainda nesta seção, foram identificadas as atividades produtivas mais importantes dentro da propriedade, sendo a agricultura convencional a primeira com (43%), seguida da agricultura orgânica (25%), avicultura (9%), piscicultura (6%), bovinocultura (5%), agrofloresta/Saf (4%), meliponicultura (4%); suinocultura (2%), ovinocaprinocultura (0,8%); extrativismo (0,8%) e floricultura (0,4%).

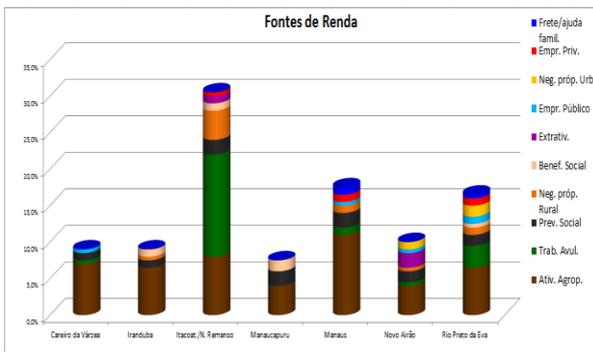


Gráfico 5. Distribuição das diferentes fontes de renda dos agricultores por município.

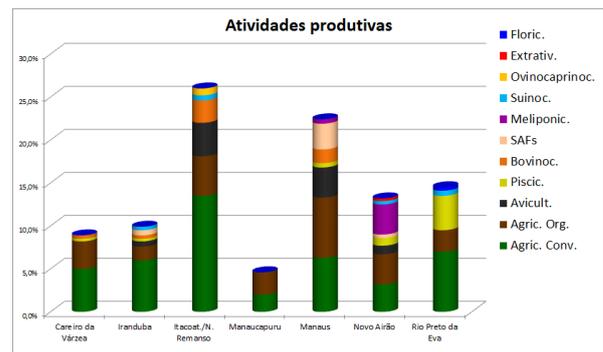


Gráfico 6. Distribuição das principais atividades produtivas nas propriedades visitadas por município.

Dentre os agricultores visitados, (54%) responderam que a agricultura orgânica é uma atividade economicamente importante em suas propriedades, enquanto (30%) afirmaram produzir apenas para o autoconsumo (segurança alimentar e nutricional), (15%) consideram a agricultura orgânica pouco importante e (1%) pratica a agricultura orgânica simplesmente porque gosta.

Em relação à experiência dos agricultores entrevistados na agricultura orgânica, a maioria pode ser considerada pouco experiente, visto que (32%) está na atividade há 3 anos. Os demais agricultores foram classificados, tendo mais de 10 anos de experiência na atividade (19%), entre 4 a 6 anos (10%) e (13%) não responderam. Enquanto (26%) dos entrevistados afirmaram ainda não produzir organicamente.

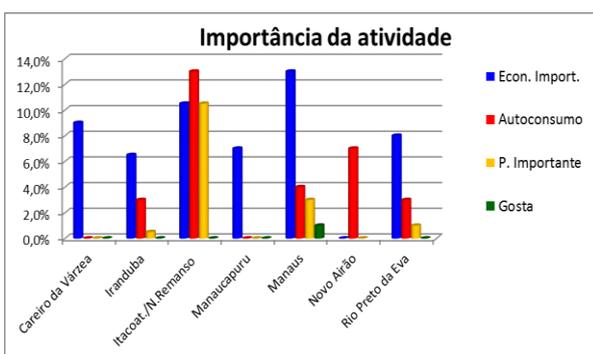


Gráfico 7. Distribuição do grau de importância da agricultura orgânica nas propriedades visitadas por município.

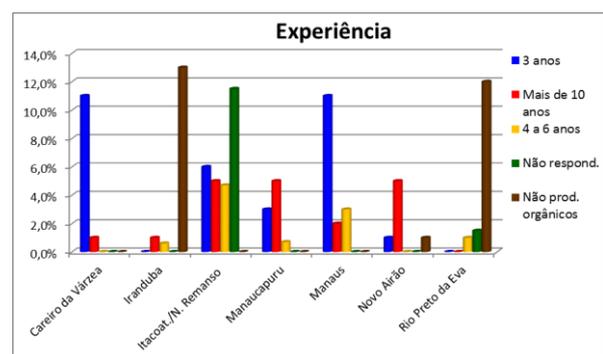


Gráfico 8. Distribuição do tempo que os agricultores atuam na agricultura orgânica por município.

5.3 INFORMAÇÕES DA INFRAESTRUTURA, PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Foram coletadas as informações relativas à infraestrutura, produção e comercialização de produtos orgânicos dos estabelecimentos, considerando a safra 2009/2010.

Outro aspecto analisado relacionado à infraestrutura foi o porte da infraestrutura produtiva dos agricultores, o que explica a capacidade produtiva instalada nas propriedades ser bastante desprovida de insumos e equipamentos básicos, justificando a baixa produção atual. Os estabelecimentos pesquisados, em sua maioria, são classificados como de pequeno porte, pertencentes a pequenos agricultores familiares.

Quanto às formas de acesso ou deslocamento dos agricultores, há predominância na utilização de vias terrestres (70%), enquanto que (30%) se deslocam por via fluvial.

As condições de acesso aliadas ao estado de conservação das vicinais estão assim distribuídas, (67%) apresentam estado bom o ano todo, (23%) possuem acesso difícil, (7%) acesso somente no verão, (2%) acesso regular e (1%) acesso apenas no inverno. A dificuldade de acesso ocorre principalmente nos municípios de Manaus e Rio Preto da Eva, por conta das precárias condições do Ramal Água Branca e das vicinais (ZF-7, ZF-7A, ZF-7B e ZF-9), respectivamente.

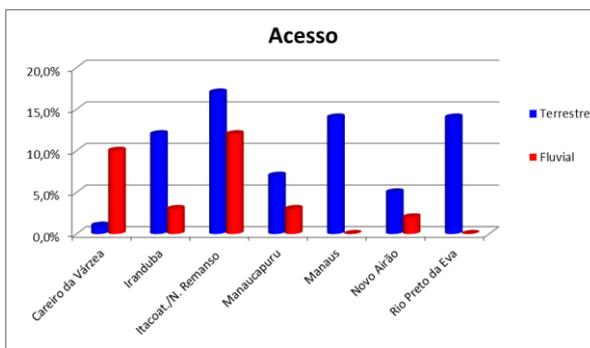


Gráfico 9. Distribuição do acesso dos agricultores por município.

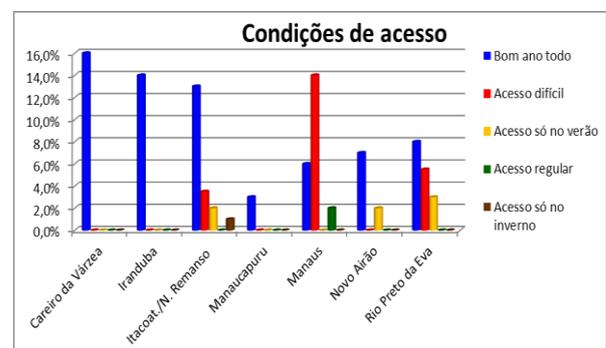


Gráfico 10. Distribuição das condições de acesso dos agricultores por município.

As fontes e situação de energia elétrica usadas nas propriedades estão assim distribuídas, luz para todos (66%), energia convencional (14%), não possuem energia (8%), energia de gerador (7%), não responderam (5%).

No que se refere à principal fonte de água utilizada nas atividades produtivas, o uso da água de igarapés é o mais frequente (34%), seguido pelas águas de poços (26%), aproveitamento das águas de rios (19%), nascentes (18%) e acúmulo de águas pluviais (3%).

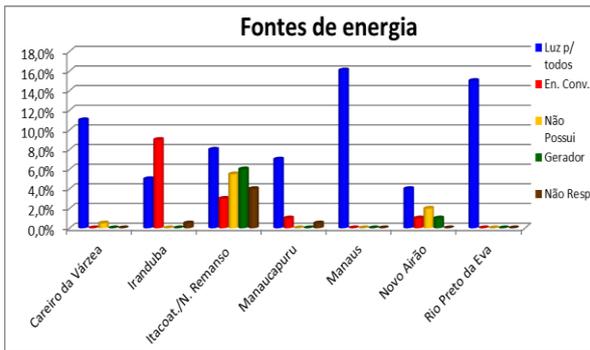


Gráfico 11. Distribuição das fontes e situação de energia dos agricultores por município.

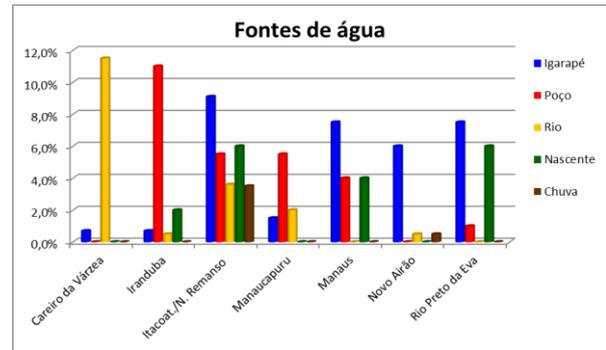


Gráfico 12. Distribuição das fontes de água das propriedades por município.

A maioria dos entrevistados, (83%) conduz a água por bombeamento, (9%) por gravidade e (8%) carrega em baldes. A frequência das fontes de água utilizada em cada município é bom indicador das condições de topografia e recursos hídricos disponíveis, imprescindíveis ao desenvolvimento da atividade, considerando a necessidade de equipamentos para elevação da água e irrigação dos cultivos.

Dentro do segmento de comercialização, foram identificadas as principais dinâmicas e vias de distribuição da produção nos municípios visitados, sendo o fornecimento a intermediários a mais frequente (45,5%), seguida da entrega em feiras e mercados (34%) e venda direta ao consumidor (20,5%). É importante destacar que a maior quantidade dos produtos comercializados, de uma forma geral, não é totalmente orgânica, uma vez que a grande maioria do público entrevistado sequer tem clareza do que seja um produto orgânico, de forma que não foi possível quantificá-lo, diferenciando-o do produto convencional. Por outro lado, por exigência da Legislação, há necessidade de comprovação da qualidade orgânica, seja por meio do Controle Social, Certificação por Auditoria ou Sistemas Participativos de Garantia (SPG), fato que a maioria dos agricultores ainda desconhece.

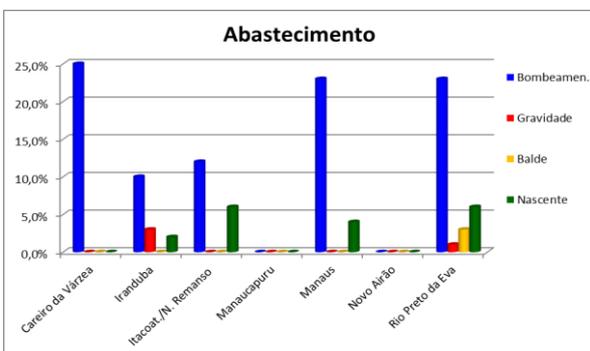


Gráfico 13. Distribuição das formas de abastecimento de água para a agricultura orgânica por município.

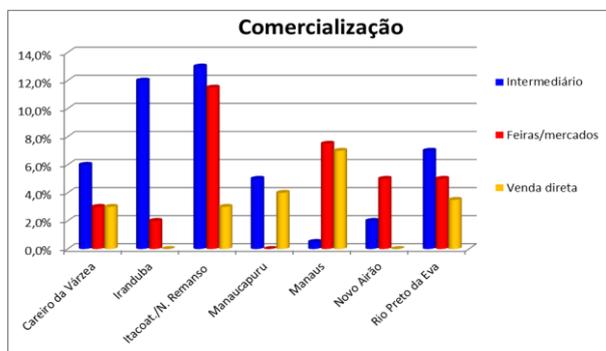


Gráfico 14. Distribuição dos principais canais de comercialização dos agricultores entrevistados por município.

Na parte de suporte à produção por meio dos serviços de ATER, a maioria dos agricultores entrevistados (64%) informou já ter recebido alguma orientação por parte do poder público (órgãos oficiais de ATER e de pesquisa), menos na atividade de produção orgânica, (31%) reafirmaram jamais ter recebido algum tipo de assistência e (5%) não souberam informar.

Uma boa parcela dos agricultores se declarou estar satisfeita pelo serviço recebido (51%). Porém, uma significativa parcela dos agricultores, (33%) se declararam insatisfeitos com a ausência dos serviços de ATER e (16%) não opinaram.

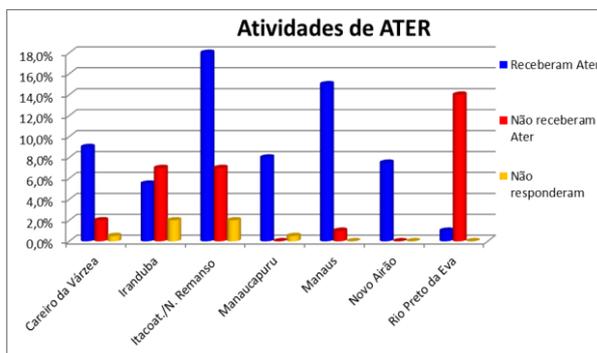


Gráfico 15. Distribuição da situação dos serviços de ATER aos agricultores por município.

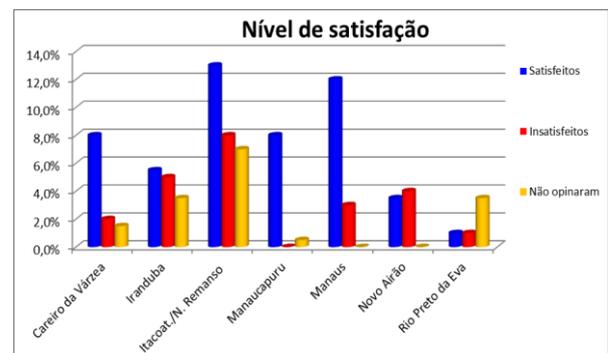


Gráfico 16. Distribuição do nível de satisfação dos agricultores em relação aos serviços de ATER por município.

Os agricultores foram indagados sobre as principais limitações ou dificuldades para o desenvolvimento da agricultura orgânica em suas propriedades. Dentre os principais empecilhos, a falta de conhecimento para produzir foi a mais frequente (23,5%), seguida da falta de recursos financeiros (22,5%), falta de infraestrutura (18,5%), dificuldades de comercialização (15%), dificuldades no manejo dos sistemas (12%), dificuldade de legalização da atividade (5%) e baixa viabilidade econômica da atividade (3,5%).

Em se tratando do interesse dos entrevistados em continuar investindo na agricultura orgânica, (84%) responderam positivamente em continuar na atividade. Enquanto que (9%) afirmaram não ter interesse e (7%) disseram estar indecisos. O alto grau de interesse em investir na atividade demonstra o potencial para a ampliação do setor.

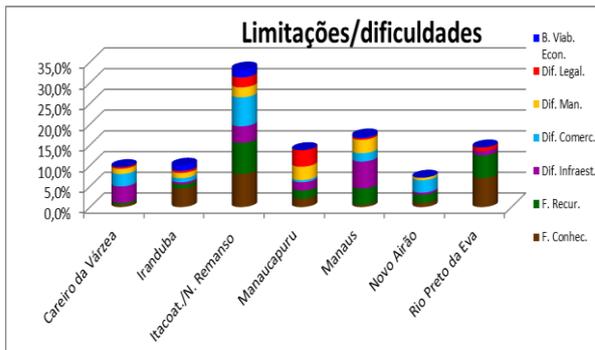


Gráfico 17. Principais dificuldades dos agricultores entrevistados para desenvolver a atividade em suas propriedades por município.

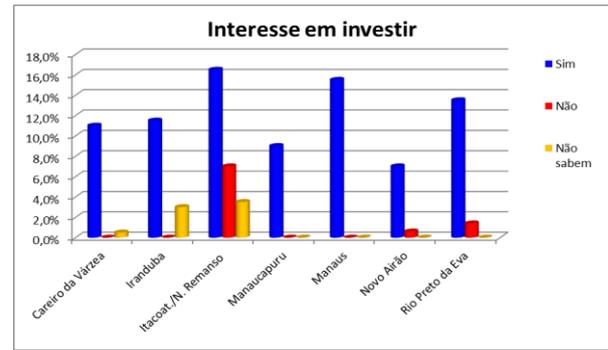


Gráfico 18. Distribuição do grau de interesse dos agricultores em investir na agricultura orgânica, nos municípios pesquisados.

4.4 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL, ORGANIZAÇÃO SOCIAL E GESTÃO

Os agricultores também foram entrevistados quanto aos aspectos de capacitação, organização e gestão. A participação em eventos (palestras, cursos, intercâmbios e consultorias técnicas) para avaliar o grau de apoio que vem recebendo do ambiente externo. A outra questão foi relacionada à participação e o interesse em fazer parte de organizações sociais, como associações e cooperativas.

A participação dos agricultores em eventos foi bastante diversificada nos municípios, sendo a participação em cursos, a que obteve maior representatividade (36%), acompanhada pela participação em palestras (25%), consultorias técnicas (23%) e finalmente a participação em intercâmbios (16%). Embora seja um dado expressivo, é importante esclarecer que a participação nos eventos se deu em variados temas, com exceção da agricultura orgânica, pois um significativo número de agricultores ainda reivindica capacitação nesta área.

Outro aspecto importante diagnosticado nos municípios é que existe uma enorme carência ou insuficiência de técnicos capacitados, para atuar na produção de base ecológica.

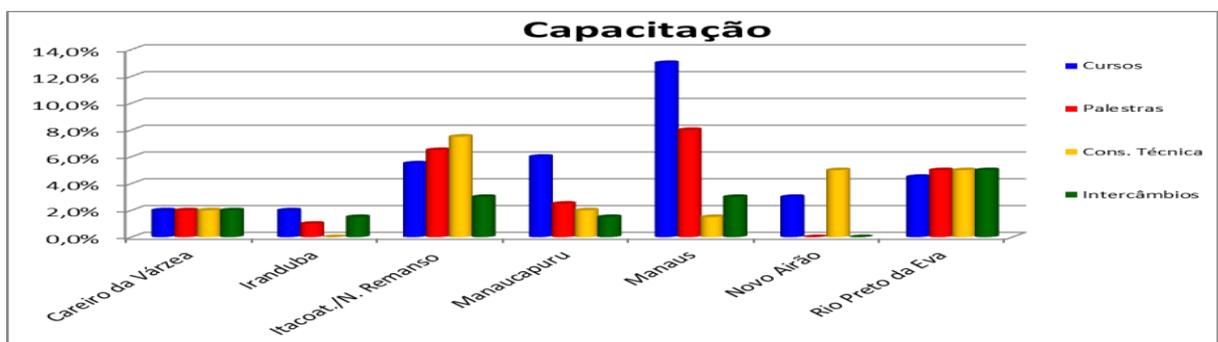


Gráfico 19. Participação dos agricultores entrevistados em eventos, no ano de 2009/2010 nos municípios pesquisados.

Com relação à participação em associações, (53%) dos agricultores entrevistados afirmaram estar filiados a alguma associação. Enquanto (6%) já

participaram e atualmente não fazem mais parte da organização, (38%) nunca participaram e (3%) gostariam de participar.

A respeito da participação em cooperativas, apenas (8%) dos entrevistados afirmaram participar, (5%) já participaram, (86%) nunca participaram e somente (1%) tem interesse em fazer parte de alguma cooperativa. Dentre os municípios que compuseram o estudo, apenas Manaus, Itacoatiara, Rio Preto da Eva e Manacapuru, apresentaram maior participação dos agricultores em associações. Nos demais municípios, a participação nesta forma de organização, assim como em cooperativas, é baixa. De uma forma geral, a participação e o interesse dos agricultores não foram animadores pelo fato da maioria desconhecer a diferença entre as duas formas de organização, além das vantagens e desvantagens de cada uma, indicando a necessidade de educação em Associativismo e Cooperativismo.

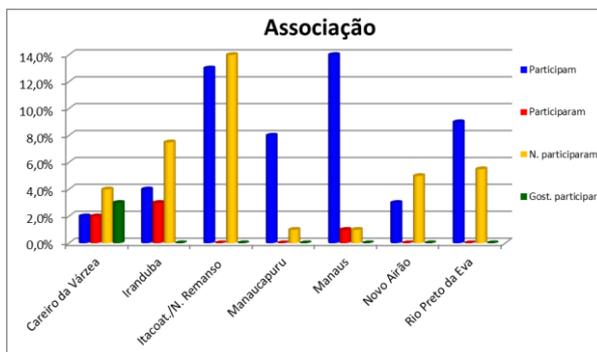


Gráfico 20. Participação dos agricultores entrevistados em associações, no ano de 2009/2010 nos municípios pesquisados.

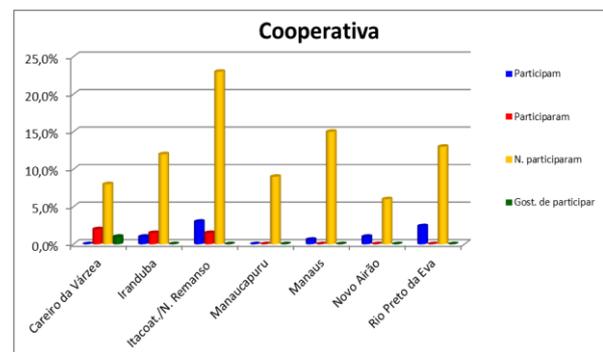


Gráfico 21. Participação dos agricultores entrevistados em cooperativas, no ano de 2009/2010 nos municípios pesquisados.

5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento da agricultura orgânica nos municípios pesquisados dependerá prioritariamente de ações que contemplem a capacitação técnica e gerencial dos agricultores e acompanhamento sistemático das atividades. Diante das peculiaridades e situações-problemas detectadas, a metodologia para socialização do conhecimento tecnológico e de gestão não deve ser a tradicional, em que os agricultores apenas passam por capacitações na condição de meros expectadores, resultando na não aplicação das tecnologias em campo, uma vez que não participam na construção de seus projetos e que não há efetividade de ações sistêmicas planejadas.

A metodologia sugerida passa pela formação de uma equipe multidisciplinar, com qualificação e experiência em Planejamento e Gestão Estratégica, Agroecologia

e Produção Orgânica, Métodos de ATER e Instrumentos Participativos, visando a elaboração de um Plano Estratégico para a produção orgânica, socialização e apropriação das tecnologias de gestão dos empreendimentos e de base ecológica junto aos agricultores, envolvendo as práticas de manejo e material didático-pedagógico, compatíveis com as especificidades de cada município, o qual servirá de material orientativo para as capacitações locais, de forma a atender ao público de todos os municípios abrangidos pela pesquisa.

Acredita-se que o método mais adequado à socialização e construção do conhecimento para apropriação das tecnologias do público com perfil identificado, seja o “aprender a fazer, fazendo”, aliado à troca de conhecimentos e experiências, onde os agricultores não apenas interagem com as instruções técnicas num programa continuado, mas igualmente são orientados sobre as demonstrações de métodos em campo com a mesma frequência e duração da parte teórica. Quando os agricultores serão estimulados a fazer, na prática, as demonstrações de acordo com as orientações compartilhadas para a incorporação das tecnologias, combinadas aos conhecimentos adquiridos durante a participação de intercâmbios em experiências sustentáveis inovadoras, de modo a serem replicadas nas unidades de produção.

Além dos aspectos técnicos, é fundamental que os agricultores participem de orientações educativas, a fim de contribuir para a formação de uma consciência política e crítica, que os levem a incidir sobre a realidade, participando ativamente de processos decisórios, no sentido de construírem sua independência tecnológica e organizacional em relação à implantação dos sistemas orgânicos de produção e à gestão de seus empreendimentos, tornando-os mais autodependentes, a partir de um novo aprendizado que os conduza à profissionalização, incorporando os conceitos e conhecimentos da Agroecologia, através de métodos e instrumentos do processo participativo, enquanto conjunto de ações continuadas e integradas.

O planejamento, execução, monitoramento e mensuração da eficiência e eficácia das ações propostas, podem ser procedidas por meio do *Balanced Scorecard* (BSC) associado ao método PDCA, a partir do marco inicial das propriedades, com vistas a avaliação do grau de incorporação das tecnologias em campo, mediante o emprego de referenciais comparativos e do sistema de medição de desempenho. Neste sentido, Kaplan e Norton sugerem (1990, p. 55): “Para cada indicador do BSC, os gerentes precisam identificar as iniciativas estratégicas

necessárias para alcançar a meta.” Portanto, é importante definir as metas e medir os impactos gerados, pois o que não é medido não é gerenciado. É essencial verificar a fonte de recursos para implementação das ações ou programa, que no caso do setor público, se faz necessária a inserção na proposta orçamentária, via Plano Plurianual (PPA), (GIACOMONI, 2009, p. 213-215).

Os municípios têm um grande potencial para o desenvolvimento da agricultura orgânica, desde que as capacitações não sejam encaradas como ações isoladas, tendo como principal **ameaça**, no ambiente externo, a ausência de políticas públicas adequadas para o setor e como **oportunidade** de maior relevância, o mercado de orgânicos em franco crescimento. No ambiente interno, a deficiência de conhecimento tecnológico e gerencial por parte de agricultores e técnicos da ATER, se configura como principal **fraqueza** e o interesse dos agricultores aliado às condições ambientais favoráveis, como disponibilidade de biomassa e diversidade de microrganismos, representam as **fortalezas** para o avanço da atividade. Conforme Inácio e Miller (2009, p. 43): “A atividade biológica em uma leira de compostagem é complexa e depende de fatores e relações ecológicas entre as diferentes populações de microrganismos.”

REFERÊNCIAS

Abreu, Lucimar Santiago de *et al.* **Trajatória e situação atual da agricultura de base Ecológica no Brasil e no estado de São Paulo**/ Lucimar S. de Abreu, Paul Kledal, Kleber Pettan, Fernando Rabello, Sérgio C. Mendes. – São Paulo/SP, 2009. 30p.

ALBUQUERQUE, Angelita França. **A Arte de Não Adoecer**/ Angelita França Albuquerque. Ed. e Gráf. Fama Ltda. 2ª ed. Revisada. Manaus, 2011. 128p.

BRASIL. IBGE. **Censo Agropecuário 2006 e Agricultura Orgânica**. Apresentação de Paulo Soares e Antônio Florido na V Edição da FIAM/2011. Complemento Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 03/10/2012.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Caderno do Plano de Manejo Orgânico**. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília: MAPA/ACS, 2011. 62p.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Legislação para os Sistemas Orgânicos de Produção Animal e Vegetal**. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília: MAPA/ACS, 2009. 195p.

- CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia e Extensão Rural**: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável/ Francisco R. Caporal, José A. C. Beber; prefácio de Miguel Ángel Altieri. – Brasília: MDA/SAF/DATER, 2009. 166p.
- CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**/ Rachel Carson. Traduzido por Claudia Sant'Anna Martins. – I. ed. – São Paulo: Gaia, 2010. 327p.
- COLBORN, Theo *et al.* **O Futuro Roubado**/ Theo Colborn, Dianne Dumanosk, John Peterson Myers. Tradução Claudia Buchweitz. – Porto Alegre/RS: L&PM, 2012. 360p.
- FALCONI, Vicente. **O Verdadeiro Poder**/ Vicente Falconi. – Nova Lima: INDG Tecnologia e Serviços Ltda, 2009. 159p.
- GIACOMONI, James. **Orçamento Público**/ James Giacomoni. – 14. Ed. Ampliada, revista e atualizada – 4. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009. 365p.
- HENSEL, Julius. **Pães de Pedra**/ Julius Hensel. Pesquisa e Tradução: Fundação Juquira Candiru/Hans Landgraf, Jairo Restrepo Rivera, Sebastião Pinheiro. – Editora SALLES; Canoas, RS, 2003. 79p.
- HENZ, Gilmar Paulo *et al.* **Produção Orgânica de Hortaliças**: O Produtor Pergunta, a Embrapa Responde/ Gilmar P. Henz, Flávia A. de Alcântara, Francisco V. Resende. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2007. 308p.
- INÁCIO, Caio de Teves *et al.* **Compostagem**: ciência e prática para a gestão de resíduos orgânicos/ Caio de T. Inácio, Paul R. M. Miller. – Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2009. 156p.
- KAPLAN, Robert S. *et al.* **Mapas Estratégicos** – Balanced Scorecard: convertendo ativos intangíveis em resultados tangíveis/ Robert S. Kaplan, David P. Norton. Tradução de Afonso C. da C. Serra – Rio de Janeiro/RJ, Elsevier, 2004. 471p.
- MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro. **Pastoreio Racional Voisin**: tecnologia agroecológica para o terceiro milênio/ Luiz Carlos P. Machado. – Porto Alegre/RS: Ed. Cinco Continentes, 2004. 310p.
- MADAIL, João Carlos Medeiros *et al.* **Evolução da Produção e Mercado de Produtos Orgânicos no Brasil e no Mundo**/ João C. M. Madail, Luiz C. Belarmino, Dienice Ana Bini. – Pelotas/RS, 2010. 9p.
- MAZOYER, Marcel *et al.* **História das Agriculturas no Mundo**: do neolítico à crise contemporânea/ Marcel Mazoyer, Laurence Roudart. Tradução de Claudia F. Falluh Balduino Ferreira. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010. 568p.
- MEIRELLES, Laércio. Título da Apresentação: **Contexto Histórico do Movimento Agroecológico no Território/Evento: Encontro Agroecológico**. – São João do Sul/SC, 2012.

Mundo Orgânico. **Mercado Mundial de Alimentos Orgânicos**. Disponível em: <http://mundoorgnico.blogspot.com.br>. Acessado em 02/11/2012.

PIGNATI, Wanderlei/médico sanitário. **Entrevista concedida a IHU On-Line em 04/07/2011**. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br>. Acessado em 01/10/2012.

RUAS *et al*, Elma Dias. **Metodologia Participativa de Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável – MEXPAR/ Elma Dias Ruas *et al***. – Belo Horizonte, março 2006. 134p.

SOUZA, Jacimar Luis de. **Manual de Horticultura Orgânica/ Jacimar Luis de Souza – 2ª Ed. atual. e ampl.** – Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2006. 843p.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo: Guia Prático DRP/ Por Miguel Expósito Verdejo; Revisão e Adequação de Décio Cotrim e Ladjane Ramos** – Brasília: MDA/Secretaria de Agricultura Familiar, 2006. 65p.

ABSTRACT

In recent years the global organic market has expanded, moving about \$ 23.5 billion annually, with expected growth of 20% although demand remains higher than supply, both in domestic and international markets. Brazil is considered the country with the greatest potential for organic production for exportation by the main importer market of organics composed by countries such as the U.S., the EU and Japan. However, the shortage of qualified technical guidance for the sector development is still an obstacle to be overcome. The Agricultural Census (IBGE, 2006) indicates that 68,045 organic producers in the country did not have access to technical advice. The challenge increases with the realization that there are no diagnoses of the current situation concerning organic farming in the Amazon and that most farmers have little schooling, situation that makes more complicated the formulation of policies, also highlighting the urgent need of specific programs for the segment. In the context, this assignment paper aims to analyze the demand for organic and also to systematize data diagnosed in the Metropolitan Region of Manaus, in order to serve as a parameter for the action planning and strategic management of identified issues. Therefore, all information in this article has been organized into four sections: Farmers identification; Information concerning socioeconomic profile of farmers; Infrastructure, production and marketing scenario; Professional qualification, social organization and management, providing the results to public in general, so as to give visibility and publicity to the main obstacles and limitations related to the activity, especially considering the proximity to the 2014 World Cup, aiming to indicate commercial and developing opportunities for the sector.

Keywords: Planning. Strategic Management. Metropolitan Region of Manaus. Organic Agriculture. Limitations.